



AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO: RACISMO E SUBJETIVAÇÃO DA LOUCURA

Emerson Santos Gois – UnB

Grupo de Trabalho: GT 4 – Medicalização da Vida: Diálogos entre Direito, Antropologia e Saúde Mental

RESUMO:

A presente pesquisa busca investigar os processos de subjetivação masculina na vida de homens negros a partir da produção da loucura, tendo como referência o texto *Diário do Hospício*, escrito pelo literato brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto, durante o período de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920, em que se encontrava internado no Hospício D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Nessa obra, o autor combina reflexões acerca da sua vida dentro e fora do manicômio. Metodologicamente, o estudo se desenvolve a partir da noção de genealogia desenvolvida por Friedrich Nietzsche (2013) e Michel Foucault (2012). No campo teórico, para pensar a questão da sexualidade na vida do homem negro, serão utilizadas as contribuições de Frantz Fanon (2020) e Deivson Faustino Nikosi (2014). O objetivo da pesquisa é analisar as relações de poder instituídas no campo da sexualidade masculina negra a partir da experiência vivida por Lima Barreto no manicômio, refletindo sobre como o racismo subjetiva a existência de homens negros frente a condições de profunda precariedade e violência. Busca-se compreender os movimentos de sociabilidade que homens negros operam no processo de construção da sua identidade, em uma perspectiva interdisciplinar. Os resultados apontam para o manicômio como um instrumento de produção de subjetividades a partir da estigmatização daqueles que passam pelo seu interior como loucos ou anormais. Esses processos de subjetivação, somados ao racismo, intensificaram o sofrimento vivenciado pelo literato, colocando-o em uma posição de profundo adoecimento.

Palavras-chave: racismo, violência, sexualidade, manicômio.

1. INTRODUÇÃO

Afonso de Henriques de Lima Barreto (2017, p. 23) em *Diário do Hospício*, no seu registro do dia 04 de janeiro de 1920, relata:

Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia em minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco, mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há



seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.

O relato escrito pelo literato brasileiro denuncia as condições socioeconômicas que eram impostas a homens negros no país no início do século XX. Isso porque, a “abolição” da escravidão no Brasil, feita apenas no plano formal-jurídico, jogava homens negros como Lima Barreto nos largos circuitos de pobreza produzidos pela modernidade.

Os discursos que permitiram ratificar o exercício anterior de colonização (criação de campos de concentração, aplicação de torturas e castigos, imposição de trabalhos forçado, estupros, controle de reprodução, etc) foram se atualizando através do Estado moderno em instituições totais (manicômios, prisão, escola, hospital, etc), em que o problema daqueles que até pouco tempo – não eram sequer considerados humano – foram ganhando novos discursos e novas verdades (Foucault, 2012).

Durante o período de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920, Lima Barreto foi internado no Hospício D. Pedro II, no Rio de Janeiro, momento em que Barreto escreve Diário do Hospício, que consiste em uma série de memórias e reflexões acerca da vida no manicômio onde o autor ficou internado.

A escrita de Lima Barreto é atravessada por reflexões que buscam pensar a sua própria condição naquele contexto social e várias são as questões que o literato aborda. No entanto, fica claro como a falta de recursos econômicos colocava o autor em condições de profunda precariedade e sofrimento, e isso o levava para a bebida.

Lima Barreto ao relatar os seus dias no hospício, mostra (mesmo que indiretamente) como os circuitos disciplinares e punitivos se atualizavam na vida de homens negros no Brasil do começo do século XX, transformava os efeitos da pobreza em problemas individuais. Nesse contexto, o manicômio dissimulava através da loucura, estruturas que vinham sendo produzidas pelo racismo através do desenvolvimento do Estado, como a pobreza e miséria.

Por meio do Estado moderno, questões como a miséria e a pobreza foram convertidas em constructos teóricos justificadores da inferioridade de certos grupos (categorias) de pessoas, demarcando as suas diferenças, e



encontrando nos discursos científicos uma instância de legitimar a submissão desses espaços construídos como colônias (Fanon, 2020).

Diante do exposto, o objetivo da pesquisa é analisar as relações de poder instituídas no campo da sexualidade masculina negra a partir da experiência vivida por Lima Barreto no manicômio, refletindo sobre como o racismo subjetiva a existência de homens negros frente a condições de profunda precariedade e violência. Busca-se compreender os movimentos de sociabilidade que homens negros operam no processo de construção da sua identidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No campo teórico, serão utilizadas as contribuições de Frantz Fanon (2020) e Deivson Faustino Nikosi (2014), para pensar a questão da sexualidade na vida de Lima Barreto como homem negro a partir das taras fantasmagóricas eugenistas ocidentais, que produziu um conjunto de discursos, práticas e instituições científicas desenvolvidas a partir do século XIX, que irá colocá-lo no lugar do degenerado, do menos evoluído, do louco, daquele que tem sua sexualidade associada à perversão e que, devido à sua natureza, fará recair sobre seu entorno todo o tipo de violência.

3. METODOLOGIA

Metodologicamente, esse estudo se desenvolve a partir da noção de genealogia desenvolvida por Friedrich Nietzsche (2013) e Michel Foucault (2012). Busca-se, com isso, construir uma análise dos dispositivos de controle que atuam no nível das subjetividades de gênero, como forma de desafiar os imperativos teóricos modernos que centralizam o que é legítimo, verdadeiro e científico, a partir de conceitos universais que se ratificam através de fatos locais, reivindicando para si uma pretensa noção de neutralidade.

Foucault aplica a genealogia para pensar as estruturas de poder além dos limites teóricos que qualificam o conhecimento como verdade, em nome de uma ciência positivista em estudos como História da Sexualidade. Nietzsche, por sua vez, em A Genealogia da Moral (2013), analisa como os valores morais conseguem fabricar verdades, produzindo estruturas e pensamentos que sublevam esses



valores como superiores. Nietzsche mostra como a compreensão moral das relações sociais, construídas como fundamentos históricos de uma dada realidade, na verdade, representam estruturas de poder que acabam servindo para materializar estruturas como o racismo.

Fazer uma genealogia da obra *Diário do Hospício*, de Lima Barreto, significa analisar os valores morais assumindo os vieses, influências, desvios e desejos que atravessam tanto o pesquisador quanto o objeto pesquisado. Essa leitura busca refletir sobre os valores que se encontram subjetivados em sua própria estrutura cognitiva enquanto superiores, nesse estudo em específico, aqueles vinculados a masculinidade.

4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Na leitura de *Diário do Hospício*, é perceptível como a “loucura” de Lima Barreto se ligava ao choque entre o eu e o mundo, na relação do desejo de ser atravessada pela impossibilidade de alcançar a sua existência. O racismo fez com que a vida do literato fosse marcada pela falência de suas pretensões. Apesar de toda sua força literária, Lima Barreto não conseguiu um diploma, não fez carreira na Secretaria do Exército e foi preterido nas duas vezes que se candidatou para a Academia Brasileira de Letras.

Os resultados apontam para o manicômio como um instrumento de produção de subjetividades a partir da estigmatização daqueles que passam pelo seu interior como loucos ou anormais. Esses processos de subjetivação, somados ao racismo, intensificaram o sofrimento vivenciado pelo literato, colocando-o em uma posição de profundo adoecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expectativas colocadas sobre os corpos de homens negros elevam a masculinidade ao lugar de categoria superior. De acordo Nikosi (2014), a significação da corporeidade na vida de homens negros, mesmo para aqueles que procuram dialogar com outras expectativas, não consegue fugir dos atributos eleitos como masculinos.



Nesse contexto, a moral masculina que subjetiva a vida de homens o coloca em situações precárias de sobrevivência a partir de estruturas estatais como os manicômios. Olhar para a experiência de Lima Barreto, durante o tempo em que ficou internado no Hospício D. Pedro II, permite analisar como a masculinidade se estrutura em sua vida.

Essa masculinidade, é marcada profundamente por ritos de virilidade e violência, fabricando uma dimensão animalizada do corpo negro. Os dispositivos que subjetivam a imagem de pessoas negras a partir de referências próprias de animais têm sido uma técnica constantemente adotada pelo processo de colonização.

Em um aparente paradoxo, os mesmos valores masculinos que prometem ao homem negro seu valor superior também o subjetivarão como animal. Para Lima Barreto, por mais que alguns seus esforços sejam correspondidos, ele nunca conseguiu atender por completo às expectativas patriarcais de masculinidade, especialmente as econômicas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Diário do hospício**. Editora Companhia das Letras, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade**: a vontade de saber. vol I. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Genealogia da Moral**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2013.

NKOSI, Deivison Faustino. **O pênis sem o falo**: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman(org.). **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.